



Nas bancas

Fisioterapia atenua recorrência de incontinência urinária em crianças

RAQUEL DO CARMO SANTOS

kel@reitoria.unicamp.br

A fisioterapeuta Renata Martins Campos realizou uma pesquisa com 47 crianças, de cinco a dez anos de idade, atendidas no Ambulatório de Urologia-pediátrica do Hospital de Clínicas da Unicamp, com o objetivo de tratar a enurese polissintomática – ou incontinência urinária, como é mais conhecida – com exercícios fisioterápicos. O trabalho foi orientado pelo urologista Carlos D’Ancona e os resultados constam da dissertação de mestrado apresentada na Faculdade de Ciências Médicas (FCM). Em setembro, o trabalho será apresentado em workshop sobre o assunto em São Francisco, nos Estados Unidos.

A enurese polissintomática é apenas uma das disfunções miccionais em crianças, mas traz muita preocupação para os pais e incômodo para os pacientes. Ela atinge, em média, de 5% a 10% da população nesta faixa etária e é caracterizada por perdas involuntárias de urina durante o dia e a noite. Quando o problema não é tratado a tempo e de maneira adequada, existe a perspectiva de a disfunção avançar para a fase da adolescência. “Este quadro leva o indivíduo a passar por várias situações de constrangimentos, entre as quais a cama molhada ao acordar e o odor muito forte liberado pela perda urinária”, destaca Renata.

Os dilemas são muitos, pois vários pais não sabem como lidar com a situação. Alguns recorrem às questões psicológicas e outros até



Foto: Antonio Scarpinetti

A fisioterapeuta Renata Martins Campos, autora da dissertação, e seu orientador, o urologista Carlos D’Ancona: exercícios fisioterápicos deram bons resultados

tentam a correção com punições. “O problema acaba ficando ainda maior e afeta a família como um todo. A ajuda médica é, muitas vezes, o último recurso”, observa.

O uso de medicamentos tem sido até agora a única alternativa para a

correção da disfunção. A questão, no entanto, é que o tratamento nem sempre é eficaz e, dependendo do caso, a ingestão das drogas pode durar vários meses. Neste sentido, o estudo realizado por Renata Campos encontra sua importância, pois

os exercícios do assoalho pélvico e acessórios associados às mudanças comportamentais apresentaram resultados significativamente superiores.

Na pesquisa, Renata dividiu as 47 crianças em dois grupos, sendo que em um deles foi tratado com medi-

cação, a oxibutinina, indicada para estes casos, associando-a à terapia comportamental, que propõe uma mudança ou reeducação dos hábitos de ingestão de líquidos e miccionais para melhorar o funcionamento da bexiga. O outro grupo foi tratado com a terapia comportamental e um protocolo de cinco exercícios para reforço dos músculos do assoalho pélvico e músculos acessórios, como abdominais, adutores e glúteos. Foram três meses de acompanhamento semanais ou mensais de acordo com o grupo, e as crianças eram orientadas a repetirem em casa, duas vezes na semana.

O primeiro grupo, tratado com medicação, apresentou no primeiro mês 12 noites secas, no segundo, 13, e no terceiro, 16. Enquanto o segundo grupo alcançou o resultado de 15 noites secas no primeiro mês, 21 no segundo mês e, no terceiro, 24, mostrando desta forma uma melhor eficácia com o tratamento fisioterapêutico.

Renata Campos quer saber ainda qual a participação da terapia comportamental nestes grupos. Para isso, desenvolve linha de pesquisa no doutorado para entender os mecanismos do tratamento. Ela acredita que a resposta poderá contribuir para alternativas eficientes no combate ao incômodo que traz angústia a tantas famílias. Os interessados em participar da pesquisa de doutorado e que apresentarem os sintomas da enurese polissintomática poderão entrar em contato com o ambulatório de urologia-pediátrica, no Hospital de Clínicas da Unicamp, às terças-feiras, para posterior encaminhamento.

Bióloga caracteriza espécies de lactobacilos vaginais

A bióloga Eliane Melo Brolazo investigou a prevalência e caracterizou as espécies de lactobacilos vaginais em mulheres campineiras, em idade reprodutiva. Foi a primeira vez que se mostraram resultados sobre o assunto no Brasil, pois os trabalhos na literatura científica apontam apenas a abordagem com a população feminina de outros países. Além disso, foram utilizadas técnicas de identificação por biologia molecular, que são mais seguras para identificação dos lactobacilos e, portanto, bastante complexas. Os estudos iniciais foram propostos pelo ginecologista José Antonio Simões – falecido em dezembro de 2008 –, que participou do desenvolvimento da tese por quatro anos. Na sequência, a tese, defendida na Faculdade de Ciências Médicas (FCM), foi orientada pelo professor Luiz Guilherme Bahamondes.

A perspectiva é que, a partir das informações colhidas, chegue-se à manipulação de um produto probiótico de uso local que atue contra uma das doenças mais comuns em mulheres em idade reprodutiva: a vaginose bacteriana. Ela é caracterizada pela ausência dos lactobacilos e proliferação de bactérias anaeróbias. A preocupação da área médica reside, justamente, no número significativo de reincidências do problema em curto espaço de tempo. “Passados os sete dias de tratamento com antibióticos, em um período médio de três a quatro



Foto: Antoninho Perri

A bióloga Eliane Melo Brolazo, autora da dissertação: ausência de lactobacilos gera problema ginecológico

semanas, a vaginose pode aparecer novamente. A questão é que não se consegue restituir a população de lactobacilos da flora vaginal a tempo

de impedir um quadro de reinfecção”, esclarece.

Várias espécies de lactobacilos – microrganismos vivos que não

podem ser vistos a olho nu – compõem a flora genital feminina. Muita coisa não se conhece deles – existem dezenas de espécies e muitas ainda a

serem descobertas. Na verdade, no organismo humano, são inúmeras bactérias presentes que não constituem, necessariamente, um sinal de doença. Pelo contrário, a ausência desses lactobacilos vaginais abre as portas para a proliferação de outras bactérias, só que malélicas. Nas mulheres, em idade reprodutiva, um problema bem conhecido é a vaginose bacteriana.

A incidência é alta, acomete de 5% a 36% da população feminina em idade reprodutiva. Os sintomas, além do incômodo, são o corrimento e mau cheiro. Em mulheres grávidas, a vaginose pode até predispor ao parto prematuro. “Não se sabe ainda o porquê dos lactobacilos desaparecerem. A única informação é que eles protegem o trato genital feminino com a produção de substâncias que inibem o aparecimento de outras bactérias”, explica a bióloga.

Segundo Eliane, repetidos tratamentos com antibióticos para vaginose bacteriana, muitas vezes, podem inclusive dificultar a recomposição da flora vaginal. Por isso, ela colheu amostras de 135 voluntárias em idades de 18 a 45 anos, sem infecção para o isolamento dos lactobacilos e, assim, identificar e avaliar a capacidade das linhagens específicas. A espécie de maior prevalência nas mulheres estudadas foi de *Lactobacillus crispatus*. O estudo ainda carece de outras etapas, mas abre o campo para o desenvolvimento de tratamentos mais eficientes contra a doença.